



À Assembleia Ordinária da SBB
72º Congresso Nacional de Botânica
Em 26 de outubro de 2022

Prezada Assembleia,

Escrevemos essa carta para trazer uma demanda surgida durante a mesa redonda "Diversidade na Botânica: por onde deveríamos começar?", organizada pelo Núcleo de Diversidade, Equidade e Inclusão (DEI) da Sociedade Botânica do Brasil (SBB), ocorrida durante o 72º Congresso Nacional de Botânica. Durante o evento, participantes sugeriram que encaminhássemos uma carta com direcionamentos discutidos naquele espaço.

Ocorreram três palestras, as quais abordaram demandas necessárias para que a botânica seja cada vez mais diversa e inclusiva, assim como as ciências naturais como um todo. Com a palestra "SINAL VERMELHO: Quando o que você diz não é aquilo que eu vejo", Msc. Igor Abba Arriola trouxe uma fala muito informativa sobre a diversidade de formas de ver cores pelos olhos humanos e como a padronização das cores, inclusive na ciência, podem ser limitantes para muitos, sendo um fator de exclusão tanto para o ensino, divulgação científica e pesquisa. Logo após esta palestra, recebemos Dra. Alice Pagan, pesquisadora que se dedica a compreender elementos afetivos e identitários na aprendizagem das ciências. Ela nos brindou com a palestra "Perspectivas de gênero na construção do conhecimento biológico", explanando sobre como o dualismo que rege a ciência ocidental, incluindo a definição binária de gênero, nos priva de avanços no próprio fazer científico, incluindo descobertas e testes de hipóteses que abarquem diferentes perspectivas. Para finalizar o encontro, Dra. Rebeca Viana e Msc. Ronaldo Santos trouxeram a palestra "Coprodução de conhecimento: janela (teórico - metodológica) para esperar as diversidades botânicas no Brasil". Com esta, levantaram uma discussão muito interessante sobre a necessidade do reconhecimento explícito, por parte dos pesquisadores, de todos atores que colaboram em pesquisas botânicas como forma de enfrentamento aos aspectos coloniais das práticas e ferramentas de pesquisa. Além disso, nos ajudaram a pensar, como eles chamaram, a esperar uma perspectiva afetiva de pesquisa em biodiversidade para imaginar e construir um projeto de formação para futuros botânicos que centralize aspectos relacionados à justiça social. Para isso, um caminho possível seria o de aprender a desaprender, junto aos nossos pares, assim como a concentração de esforços institucionais para a diversificação de autoria para a pesquisa botânica, dentro de uma perspectiva interseccional.

Com base nesse resumo geral das palestras, trazemos aqui alguns direcionamentos que acreditamos serem importantes registrarmos durante este CNBot e que sejam apreciadas por esta Assembleia.

1. Sugestão para definição de regras específicas para produção e publicação de imagens pela Acta Botânica Brasilica: sugestões em carta enviada anteriormente e com cópia anexada aqui.
2. Apoio da SBB à manutenção ou implementação de políticas de ação afirmativa, de acesso e permanência, tanto na graduação quanto em programas de pós-graduação em Botânica, com enfoque em raça, etnia e gênero.



SOCIEDADE BOTÂNICA DO BRASIL
NÚCLEO DE DIVERSIDADE EQUIDADE E INCLUSÃO

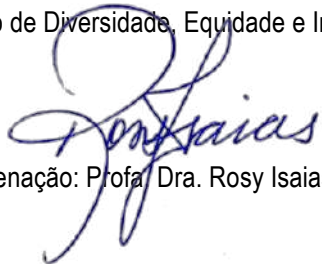
-
3. Apoio da SBB às políticas relacionadas à equidade de gênero dentro do âmbito acadêmico.
 4. Ações para resgate histórico da contribuição de povos originários e tradicionais na construção do conhecimento botânico brasileiro, e que tiveram sua importância invisibilizada.

Além desses direcionamentos que encaminhamos para a Assembleia, pretendemos preparar um texto de opinião em colaboração com os palestrantes da mesa redonda, desmembrando um pouco mais esses direcionamentos, trazendo uma discussão com a literatura. Aproveitamos aqui para demonstrar interesse para encaminhar este futuro texto para a revista da SBB, Acta Botânica Brasilica.

Agradecemos sua atenção e possível consideração. Informamos que estamos disponíveis para qualquer informação ou esclarecimento adicional.

Respeitosamente,

Núcleo de Diversidade, Equidade e Inclusão


Coordenação: Profa. Dra. Rosy Isaias (UFMG)

e


Dra. Annelise Frazão (USP)